



(I)MOBILIDADE: O MEDO QUE MOVE E PARALISA EM NA TEIA DO SOL
(I)MOBILITY: THE FEAR THAT MOVES AND PARALLIZES NA TEIA DO
SOL

Andressa Estrela Lima¹

RESUMO: Este artigo procura refletir acerca do protagonista da obra *Na teia do sol* (2004), de Menalton Braff, no que diz respeito aos temas fixidez *versus* fluxo, migração forçada e insílio, bem como as consequências dessas circunstâncias no sujeito representado. Nesse sentido, os questionamentos centrais são: como a mobilidade afeta o protagonista de *Na teia do sol*? Como o narrador-personagem se sente diante da sua atual imobilidade?

Palavras-Chave: Migração Forçada. Insílio. Ditadura Militar Brasileira. Menalton Braff.

ABSTRACT: This article seeks to reflect on the protagonist of Menalton Braff's in *Na teia do sol* (2004), with regard to the themes of fixity *versus* flow, forced migration and insomnia, as well as the consequences of these circumstances on the represented subject. In this sense, the central questions are: how does mobility affect the protagonist in *Na teia do sol*? How does the character-narrator sit before his present immobility?

Keywords: Forced migration. Insil. Brazilian Military Dictatorship. Menalton Braff.

INTRODUÇÃO

Os estudos de mobilidade vêm ganhando força e notoriedade, sendo importante ressaltar, como nos alerta o professor e pesquisador Cláudio Braga, que na atualidade o movimento se relaciona com tudo, ou melhor, “tudo está em movimento” (BRAGA, p. 2, 2015). Diversos tipos de mobilidade são mostrados atualmente a partir dos meios de comunicação midiática e da literatura, representando e problematizando o modo como esse constante fluxo afetou e afeta nos seres humanos e nos objetos inanimados. Tal fato é, ainda segundo Braga, relevante para que possamos “questionar como tudo isso viaja e estudar o impacto de tal mobilidade na vida das pessoas” (BRAGA, p. 2, 2015).

A partir desse posicionamento, analiso o romance *Na teia do sol* (2004), de Menalton Braff, considerando como se dá a representação de conceitos como migração

¹ Possui graduação em Letras - Português pela Universidade Estadual do Piauí (2015). Mestranda em Literatura na Universidade de Brasília (UnB). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura.



forçada e insílio² no personagem central da obra. A realidade que permeia *Na teia do sol* é bastante perturbadora. Apresentada em forma de fluxo de consciência no decorrer dos 14 capítulos que compõem a narrativa, mostra a vida do narrador personagem, chamado André, vulgo Tito, que conta sua história repleta de rompimentos e angústias ocasionadas por seu passado, pelo presente, e também pela insegurança do futuro. A partir de uma leitura acurada, procuramos compreender os motivos de sua perturbação e os impactos relacionados por sua mobilidade e, posteriormente, sua imobilidade. Os questionamentos centrais são: como a mobilidade afeta o protagonista de *Na teia do sol*? Como o narrador-personagem se sente diante da sua atual imobilidade?

No contexto narrativo observamos que o protagonista André sofreu uma migração forçada para um terreno campestre devido a sua militância contra o período ditatorial brasileiro, ficando impossibilitado de sair da chácara por medo de ser capturado novamente pelos militares. Devido a essa migração, ele abandona sua namorada Teresa, sua família e amigos, permanecendo constantemente isolado do convívio social. Esse rompimento ocasiona dor irreparável na vida do personagem, proporcionando constantes lembranças do passado, além de questionamentos frequentes em torno de como este podia ou não ter sido diferente.

A partir dos aspectos relacionados acima, o presente artigo problematiza, no contexto da obra em estudo, elementos que comprovem o impacto da (i) mobilidade no personagem central e discute o elemento medo como válvula propulsora do deslocamento e da fixidez do protagonista. Nesse intuito, debato conceitos relacionados à metafísica sedentária e nômade, a partir do teórico Tim Cresswell (2006); Já com relação ao primeiro aparecimento do termo “migração” e suas conotações no passado, analiso a partir dos aspectos teóricos apresentados por Maria José Queiroz (1998); Enrique Serra Padrós (2014) e Néstor García Canclini (2016) subsidiam a discussão acerca dos conceitos sobre as migrações forçadas e insílio e Edward Said (2003), que apresenta considerações pertinentes a respeito dos sentimentos do sujeito exilado.

Fluxo e Fixidez em *Na Teia do Sol*

2 O insílio se difere do exílio por ser uma terminologia referida a pessoas que se reclusam dentro de si mesmas, ao passo que o exílio é um retiro físico para outros países. Esse termo será explicitado mais à frente.



Existem dois conceitos sobre a mobilidade que são válidos para esta discussão: a mobilidade vista com suspeita e a mobilidade vista como algo positivo. Segundo Tim Cresswell (2006), o pensamento social contemporâneo tende a ver que “as palavras associadas a mobilidade são incessantemente positivas” (CRESSWELL, 2006, p. 25, tradução nossa)³, bem como associadas a progresso, liberdade e mudança, a qual o autor denomina de *metafísica nômade*, que descarta o enraizamento.

Como exemplos literários, várias obras apresentam personagens que se mudam em busca de uma vida melhor, que saem da terra natal por conta própria, como é o caso da narrativa *Matacão: uma lenda tropical* (2003), de Karen Tei Yamashita, na qual protagonistas como Kazumassa Ishimaru, Chico Paco, J.B. Tweep se mudam de seus lugares de origem em busca de um propósito para suas vidas. Nos contos de Chimamanda Adichie do livro *A coisa à volta de teu pescoço* (2012), trabalha esse tema abordando alguns papéis femininos que se deslocam de acordo com essa temática de mobilidade motivada por algum sentimento positivo de mudança.

Em contrapartida, o geógrafo também discorre sobre o que chama de *metafísica sedentária*, em que “uma das principais formas de pensar sobre a mobilidade no mundo ocidental moderno é vê-lo como uma ameaça, uma desordem no sistema, uma coisa para controlar” (CRESSWELL, 2006, p. 26, tradução nossa)⁴. Esse pensamento é constantemente utilizado nas mais variadas formas de representação social, como explicita Cresswell, pois “Pensar no mundo como enraizado e limitado é refletido na linguagem e na prática social. Tais pensamentos territorializam ativamente as identidades na propriedade, na região, na nação - no local.” (CRESSWELL, 2006, p. 27, tradução nossa)⁵.

Nesse contexto, a obra *Na Teia do Sol* pode ser relacionada com a teoria da metafísica sedentária pois, considerando o narrador-personagem André, constatamos que ele possui um grande apego à terra natal, à família, além do sentimento de pertencimento, saudade e vontade de retomar a sua vivência anterior, como podemos observar no seguinte fragmento da obra:

3 “Words associated with mobility are unremittingly positive”.

4 “One of the principal ways of thinking about mobility in the modern western world is to see it as a threat, a disorder in the system, a thing to control”.

5 “Thinking of the world as rooted and bounded is reflected in language and social practice. Such thoughts actively territorialize identities in property, in region, in nation- in place.”



faço parte de um movimento, sou apenas uma partícula, mas não luto sozinho, há forças maiores do que as minhas que estão comigo. Resíduos de formação religiosa? Talvez, porque um sentimento destes tem tudo a ver com a formação das religiões, mas quem sabe apenas saudade da tribo, da proteção coletiva, de todos ligados a todos. Sou assim, preciso pertencer, me faz sentir mais forte. (BRAFF, 2004, p. 59).

Mesmo querendo permanecer fixo, André é afastado do convívio local e social por sua militância política na época ditatorial, sofrendo migração forçada para uma região distante no Brasil, em que recebe raras visitas dos amigos Velho e Guma, convivendo a maior parte do tempo somente com um cachorro chamado Barão.

O seu fluxo é visto como um grande pesar e abandono da vida tranquila que tinha naquele contexto urbano e acadêmico. Por esse motivo anseia por sair da chácara e assim poder se integrar novamente na sociedade a que pertencia. Decorrente desse sentimento, é importante teorizarmos acerca das migrações, migrações forçadas e sobre o insílio, considerando o âmbito político e histórico presente na conjuntura da obra em questão.

Mobilidade vista com suspeita

Os contextos diaspóricos, imigratórios, migratórios e de exílio geralmente trazem conotações negativas aos indivíduos afetados, uma vez que as pessoas se veem obrigadas a sair de determinadas regiões por motivos ideológicos, políticos ou sociais. Oposto à ideia positiva da mobilidade, o romance *Na Teia do Sol* mostra como esta pode esfacelar e banir o indivíduo do convívio social, causando-lhe tristeza e angústia.

A forma de mobilidade da obra é a migração, que segundo a autora Maria José Queiroz (1998), se relaciona com o medo e o desassossego permanente. De acordo com a mitologia: “O mito da migração associa-se, na mitologia grega, a pena e castigo” (QUEIROZ, p. 39, 1998). Os “excluídos da comunidade” na Grécia eram fadados a vivenciar o sentir-se perdido, “raízes no ar”, que resultava na “carência afetiva”, “morte degradante”, entre outras consequências citadas por ela.

As modificações em que passa o sujeito migrante são bem perceptíveis depois da saída da terra natal, como explicita Queiroz: “A longa permanência fora de casa tanto desfigura o rosto e o corpo como altera a marcha, corrompe o sotaque, modifica os costumes, tornando estrangeiro, e até irreconhecível, o infeliz retornado” (QUEIROZ, p. 42, 1998).



No caso de André ele não volta para casa, mas seus antigos companheiros quando vão visitá-lo não o reconhecem: “e devo ter mudado muito, nesses tempos, porque não me reconheceram de imediato, o Guma chegando a ligar o motor, o Tito, companheiro!, sou eu, só aí que eles desembarcaram do carro,[...]” (BRAFF, p. 134, 2004).

Além deste caso de não identificação pelos companheiros, o próprio personagem também não se distingue mais, sentindo-se um sujeito dividido entre a sua antiga vida, representada por André, e hoje como Tito, o sujeito migrante:

Vou acabar pensando que sou Tito, mesmo. E não deixo de ser. André do chopinho, do cinema e do teatro, o André vidrado em música erudita, em literatura e nas últimas descobertas da eletrônica, diploma procrastinado, o André em recesso, não entende de horticultura, como eu. (BRAFF, p. 60, 2004).

é a barba do Tito, que vocês não conhecem, e eu grito mesmo, meu medo, agora posso gritar quanto quiser, que o ronco de vocês me dá cobertura, é o André, seus cornudos, e aqui não tem André nenhum, meu nome é Tito, (BRAFF, p. 75, 2004).

Esse sentimento dissociativo pode ser avaliado a partir do conceito de estraneidade, de Nestór Garcia Canclini (2016, p. 62), que se manifesta “como consciência de um desajuste, perda da identidade em que antes nos reconhecíamos”. Isso dialoga com o sentir-se estranho dentro de si, com o apagamento da identidade anterior e mudança de vida ocasionada pela mobilidade.

Outro aspecto importante levantado por Queiroz (1998) é a “patologia patriótica” que acomete o sujeito apartado da sociedade que ou nutre sentimentos de engrandecimento da pátria ou defere negação dos valores nacionais. De acordo com a autora:

Não é difícil que o ódio à pátria nada mais é que sintoma de frustração, pena, decepção – excessos a que leva a paixão desesperada. [...] Se o sentimento de rejeição cauteriza a estima substituindo-a pelo repúdio é porque o país natal não responde ao projeto de perfeição que se julga praticado por outros povos e nações. Em situação humilhante, a falta dos bens a que se aspira não pode senão gerar inconformidade e o ressentimento. (QUEIROZ, p. 63/64 1998).

Esse sentimento de inconformidade e rejeição à pátria é o que ocorre com André, que mantém uma insatisfação com o Brasil, visto que devido seu passado de militância



ele tinha esperanças de que a situação fosse mudar, mas, ao ser contrariado, tece constantes julgamentos ao país, criticando a soberania do Estado brasileiro, a hipocrisia da religião, a conformidade das pessoas com a própria pobreza:

como se nada existisse além do sono, como se não estivéssemos em um país de terceiro mundo, como se milhares de crianças não estivessem morrendo de fome (...) como se um governo ilegítimo não estivesse naquela mesma hora, em todas as horas, vigilante, protegendo interesses escusos. (BRAFF, p. 19, 2004).

Seu inconformismo com a situação nacional o afasta forçosamente, já que sua prisão e tortura o obriga a desistir dos seus ideais. No começo da mudança, o isolamento na chácara o tranquilizava e parecia amenizar o medo de ser detido novamente:

só pensando que quando mais longe melhor, que se no outro mundo, muito que bem, melhor ainda, lá ninguém acha que sou um perigo para a sociedade e tampouco sou lá conhecido. Se chego a atravessar esta cerca aqui na frente, adeus, ninguém mais bota as mãos em mim nas próximas horas, um mato fechado, bom, feito de propósito para esconderijo. (BRAFF, p. 20/21, 2004).

Mas depois de muito tempo confinado e sem esperança de saída, o medo o paralisa, tanto pela constante paranoia, como pela reclusão:

É assim mesmo, parece que não tenho saída. Naquele dia, não sei quantas voltas dei até dominar meu pânico e me orientar. Um alívio, ver o sol outra vez, olhar de cima do barranco a chácara boiando na claridade, e nos fundos, o campo de maricás encharcado de tanta luz. [...] Ontem senti muito prazer com a decisão de me jogar no mundo. A nado, sem esperar pelo socorro de ninguém. Só à tarde, quase anoitecendo, foi que desmanchei a mochila, convencido de que era uma travessia impossível. (BRAFF, p. 150, 2004).

O medo que parecia ter sido solucionado pela mobilidade volta com mais força aprisionando-o em seu próprio pavor. Ele já não consegue mais sair da chácara, seja por incentivo dos companheiros ou por vontade própria, causando sua imobilidade. As migrações forçadas, bem como os exílios, foram estratégias deflagradas pela ditadura civil-militar brasileira que ocorreu entre os anos de 1964 até 1985, com o objetivo de



isolar os opositores ao regime e assim promover o enfraquecimento das forças esquerdistas.

O isolamento ocasionado pelas migrações forçadas é uma estratégia empregada pela técnica chamada Terrorismo de Estado, executada no regime militar brasileiro, que promovia a fuga de opositores que partiam sozinhos, se afastando das atuações coletivas para evitar a prisão ou uma nova prisão, e o insílio abordado nessa ótica se relaciona, como explicita Enrique Serra Padrós (2014):

Uma modalidade particularmente traumática de isolamento foi a experiência do “exílio interno” (*insilio*), condição do indivíduo que não se reconhecia mais onde estava, nem com aquilo que fazia, nem como as relações que mantinham com os demais. Sofreu o tempo indefinido e congelado do exilado sem ter abandonado o país, ou seja, não quanto ao distanciamento geográfico e cultural. Contudo, sofria o (ir)reconhecimento do seu meio social mais imediato (PADRÓS, p. 22, 2014).

Com relação a esse excerto, verifica-se que o narrador-personagem se fecha em si mesmo, e a obra literária, com sua estética em fluxo de consciência⁶, representa esse sujeito em insílio. André só consegue emitir reflexões internamente e tem dificuldade de se comunicar, ou seja, os seus pensamentos estão em constante fluxo e agitação, mas ele não consegue externalizar nenhuma ação, fato que o leva à estagnação.

É comum as migrações fazerem os indivíduos se sentirem (ou desejarem) ser estrangeiros, sentimento este que propicia o insílio, pois segundo Canclini (2016):

O desejo de ser estrangeiro se mostra diferente nos migrantes geográficos e nos estrangeiros-nativos, naqueles que devem se exilar, perseguidos por uma ditadura e por uma parte da sociedade que os julga estranhos, ou os que por razões semelhantes permanecem como dissidentes, exilados internos, desqualificados como cidadãos: em um *insilio*. Acompanham com espanto de dentro, a transição de seu país. (CANCLINI, p. 63, 2016, grifo do autor).

André compartilha desse sentimento, pois se sente estrangeiro em sua própria terra por ser incompreendido pelo social e por seu país, ocasionando seu confinamento

⁶ O termo fluxo de consciência foi um termo da psicologia criado por William James, utilizado pela crítica literária para designar algumas ficções que trabalhassem a “continuidade dos processos mentais” na representação literária. Para mais informações, ver CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. *Foco narrativo e fluxo de consciência*: questões de teoria literária. São Paulo: Pioneira, 1981.



decorrente da frustração de seus ideais, sendo permitido somente contemplar os horrores perpetrados pela ditadura. Como reflexo da imobilidade, o ser sofre “o tempo indefinido e congelado do exilado sem ter abandonado o país” (PADRÓS, p. 22, 2014), fomentando em André mais angústia e solidão, sofrendo os sentimentos de exílio pelo afastamento do convívio social:

Então, naqueles dias, me pareceu que podia suportar o exílio aqui nesta ilha por anos seguidos sem transtornos maiores. E me iludia. Com a notícia de que o Velho não viria mais, pelo menos por enquanto, me senti desobrigado de qualquer tarefa que não fosse a minha manutenção no sentido mais estrito. [...] Horas e horas, horas incontáveis passei aqui sentado, enquanto assistia impassível à imersão da horta no mato. (BRAFF, p. 146, 2004).

Associado à horta da chácara em que vivia, que no começo prosperou, e depois, com o tempo, sem cuidado e atenção, vai secando e morrendo; assim também o protagonista André foi se desmoronando junto com o seu ambiente, ficando imerso cada vez mais na degradação. A constante vigilância pelo medo da prisão deixou chagas profundas em sua aparência física e no seu comportamento psicológico: “A vigilância permanente, sem folga nenhuma, é uma coisa que cansa demais, que me gasta os músculos doloridos e atormenta a cabeça, por isso os olhos mais fundos, os pômulos salientes quase rasgando a pele” (BRAFF, p. 146, 2004). Nesses dois exemplos, verifica-se que o mal-estar interno reflete externamente, e a falta de esperanças, ocasionada pela paranoia, vai esfacelando André em todas as suas instâncias.

O sentimento de abandono e esquecimento no personagem é muito forte, mesmo tendo um terreno campestre largo ele se sente preso, com uma sensação de falsa libertação, uma prisão dentro da “liberdade” pelo medo da captura, da tortura e da morte, com “a percepção de estar detido em um presídio do tamanho do país” (PADRÓS, p. 22, 2014). Assim, André enxerga seu estado atual como um cárcere: “Se escapo desta prisão, que não é voluntária, mas que, por enquanto, me convém, posso cair numa outra pior. É uma escolha não entre melhor e pior, mas entre o muito ruim e o pior” (BRAFF, 2004, p. 122).

A presença do silêncio na narrativa é evidente e se relaciona com o pesar da solidão que ocorre no ser exilado, pois, como explicita Edward Said (2003), “o exílio é uma solidão vivida fora do grupo: a privação sentida por não estar com os outros na habitação comunal” (SAID, p. 49, 2003). A falta de interação de André mostra o peso do



silêncio: “depois o silêncio, este silêncio mais fechado que um calabouço deserto, que me atormenta tanto os ouvidos” (BRAFF, p. 110, 2004). Diante do exemplo literário da personagem André, podemos dizer que o sujeito em exílio interior manifesta sentimentos semelhantes do ser exilado, dado que compartilha o mesmo sentimento de apartação social e as consequências internas do isolamento.

O silêncio ensurdecedor, a vida em solidão e retraimento da sociedade, logo a sociedade pela qual tanto combateu para que se desvencilhasse das injustiças, faz o narrador-personagem ficar imerso no que resta das suas lembranças quando desfrutava de uma “vida normal” e, frequentemente, atormentado pelas suas memórias dolorosas.

Considerações finais

Os estudos acerca da literatura e mobilidade nos ajudam a compreender o lado humano representado nos sujeitos literários, trazendo questionamentos do choque na vida de milhares de pessoas que estão em movimento, seja por vontade própria, por necessidade ou por algum tipo de força circunstancial. A obra *Na teia do sol* contribui com discussões em torno dessa temática por mostrar que nem sempre a mobilidade e a imobilidade são positivas, apresentando aspectos de como os seres humanos estão lidando com o movimento ou a estagnação.

A esse exemplo, o personagem analisado encontra-se recluso em si mesmo como única estratégia de manter sua mente sã, focando em suas recordações para poder suportar a reclusão. Notamos que ele faz um grande esforço para não acabar como alguns companheiros que fatalmente enlouqueceram em situações limites como a que se encontra.

O elemento medo observado no sujeito da obra *Na teia do sol* é ocasionado pela mudança de vida e pelo deslocamento, ou seja, a mobilidade em sua ótica, nesse contexto, é negativa, por ser forçada, e também por estabelecer uma quebra na ordem espacial e de pertencimento, pois o personagem central quer retornar à cidade natal, retomar sua vida, porém se considera impossibilitado. Assim, a realidade do isolamento provoca mudanças físicas e psicológicas no protagonista originando distúrbios dissociativos, angústia e abandono.

No caso examinado, a mobilidade é provocada pela fuga, já a imobilidade se dá por conta da prisão em si mesma, da não esperança, do medo sufocante. O fluxo de



consciência exemplifica a realidade retraída e não falada do protagonista, ou seja, as duas esferas, estética e conteudista, dialogam entre si no contexto da obra para estabelecer a atmosfera problemática criada pelo autor no âmbito da ficção.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Imitação; A coisa à volta de teu pescoço; A historiadora obstinada. In: ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *A coisa à volta de teu pescoço*. Lisboa: Dom Quixote, 2012. p. 21-35.

_____. A coisa à volta de teu pescoço. In: ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *A coisa à volta de teu pescoço*. Lisboa: Dom Quixote, 2012. p. 96-105.

_____. A historiadora obstinada. In: ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *A coisa à volta de teu pescoço*. Lisboa: Dom Quixote, 2012. p. 162-176.

BRAFF, Menalton. *Na teia do sol*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2004.

BRAGA, Cláudio R.V. Introdução. In: *Literatura e mobilidade: diásporas, exílios e outras jornadas*. Brasília, 2015. p. 1-2. (No prelo)

CANCLINI, N. G. O mundo inteiro como lugar estranho. In: _____. *O mundo inteiro como lugar estranho*. Trad. Larissa Fostinone Locoselli. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016. p. 55-72.

CRESSWELL, Tim. *On the move: mobility in the modern Western World*. New York: Routledge, 2006. xi, 327p.

PADRÓS, Enrique Serra. Terrorismo de Estado: reflexões a partir das experiências das Ditaduras de Segurança Nacional. In: GALLO, Carlos Artur; RUBERT, Silviana [orgs.]. *Entre a memória e o esquecimento: estudos sobre os 50 anos do Golpe Civil-Militar no Brasil*. Porto Alegre: Editora Deriva, 2014. p. 13-36.

QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência, ou a literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998, p. 15-64.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.46-60.

Recebido em: 16 abr. 2018.

Aceito em: 22 abr. 2018.